

## DESENHANDO A ESCRITA: O(S) SENTIDO(S) NA CONSTRUÇÃO DA ESCRITA DE ENTREMEIO

Clésia da Silva Mendes Zapelini – UNISUL

Neste trabalho, trataremos da questão da escrita enquanto materialidade significativa produzida pelas crianças em folhas de papel, pensando na sua relação com os possíveis efeitos de sentido e as condições de produção. Consideramos que o lugar dessa escrita, vivenciada no espaço da escola, constitui-se de diferentes relações de sentidos produzidos em diversas materialidades discursivas com os quais a criança se relaciona a partir de seu contexto histórico e social.

Diante da falta de uma nomenclatura para designar a materialidade significativa produzida pelas crianças nesse contexto, que, por conseguinte, permeia o ambiente da escola, constituindo-se como materialidade discursiva, propomos, aqui, pensar esses registros gráficos, nomeando-os como “escrita de entremeio”. Estamos considerando que entre os registros gráficos produzidos pelas crianças e o “domínio<sup>1</sup> dos códigos linguísticos” há um espaço/tempo que potencializa múltiplos efeitos de sentidos. Vejamos o recorte seguinte considerando o modo de produção a fim de que se compreenda nossa formulação.

Figura 1: Produção de registro gráfico – Escrita de Entremeio.



Fonte: Autora (2013).

---

<sup>1</sup> Estamos considerando domínio não como algo completo, fechado, mas como leitura e escrita a partir dos códigos linguísticos.

Ao observarmos os registros da figura 1 nos questionamos: O que essa criança expressou? Exteriorizou o quê? De que estatuto é a materialidade de que partem esses primeiros movimentos em direção à aquisição do código linguístico? Esses são questionamentos que atravessam a pesquisa, pois estamos na fronteira entre o representável e o irrepresentável e entre o conhecido e o desconhecido. E ainda nos limites das representações sígnicas regidas pela iconografia e pela simbologia. Nessa perspectiva, o trabalho em pauta apresenta o questionamento: quais os efeitos de sentido e as condições de produção das materialidades significantes - escritas de entremeio - produzidas em sala de aula no contexto da Educação Infantil?

Para tentar responder ao questionamento, partimos da hipótese de que os elementos constitutivos dessas materialidades significantes, esses aportes gráficos, constituem-se de um misto de registros icônicos (desenhos) e de elementos simbólicos (letras), que produzem efeitos de sentido para a criança que está em processo de formação. Esse sentido é decorrente da constituição híbrida de representação formulada pela criança, ou seja, localiza-se na intersecção daquilo que é mais comum e/ou mais fácil de representar – desenhos – com o que a criança começa a aprender – as palavras. Portanto, aquilo que a criança produz dentro do espaço do suporte material (folha de papel) é, de algum modo, a representação da posição sujeito que ela ocupa no espaço escolar. Indo mais além, essa escrita reflete a inflexão do corpo infante que registra sobre o papel a desenvoltura de sua própria performance. Com base nessa perspectiva hipotética, o objetivo geral consiste em analisar os efeitos de sentido e as condições de produção das materialidades significantes – aqui chamadas de escritas de entremeio - produzidas em sala de aula no contexto da Educação Infantil. Como objetivos específicos, pretendemos: verificar a constituição da escrita de entremeio a partir das diferentes materialidades significantes que permeiam o espaço da instituição escolar; observar de que estatuto é a materialidade significativa de que partem esses primeiros movimentos em direção à aquisição da escrita.

O corpus de análise consiste de registros gráficos (*escrita de entremeio*) das crianças coletados com base em observações, a partir do envolvimento com as materialidades significantes em uma turma de crianças que frequentam o III Infantil (4 e

5 anos), de uma escola da rede particular do município de Tubarão – SC. A observação aconteceu durante o ano de 2012.

A análise do discurso da linha francesa fundamenta esta pesquisa, constituindo, assim, o dispositivo teórico e analítico, não obstante, outras perspectivas teóricas contribuíram com a presente discussão. As contribuições teóricas nos auxiliarão a pensar o lugar da *escrita de entremeio* na Educação Infantil enquanto um lugar de pulsão, do significante, do devir, do entremeio e de potência. É nesse lugar em que a criança ocupa a sua posição de sujeito que significa e se significa por meio do seu corpo infante, onde registra a sua própria performance.

Os primeiros resultados apontam que os rabiscos e os desenhos produzidos, apresentados por meio de um emaranhado aparente, recusados pela gramática, ganham um estatuto de algo a ser descoberto, por trazerem em si sentidos na aparente falta de sentido. Essa linguagem escrita, constituída nesse espaço, passa a nos interrogar e os próprios pressupostos teóricos adotados até então, pois a criança lê e escreve fora do que é previsível pelo professor. Borges (2006) em sua pesquisa já questionava "É impossível que a criança use a linguagem sem conhecer como está estruturada? Que grau de conhecimento linguístico é possível atribuir às crianças?"

A criança, ao entrar em contato com as diferentes materialidades escritas, pedenos para deciframos o que ela escreveu naquele papel, nas formas indeterminadas e heterogêneas, e sentimos a necessidade de reconhecemos algo que parece nos escapar, ou seja, que sentido é manifestado pela criança na escrita de entremeio? Para responder essa pergunta, precisamos deslocar o estatuto da linguagem de representação para o estatuto de interpretação, de potência e de devir. É preciso imprimir um novo olhar para os sentidos atribuídos pela criança, uma nova escuta e, quem sabe, uma nova prática.

Em seus primeiros registros gráficos, as crianças atribuem múltiplos efeitos de sentido para uma mesma materialidade. À medida que elas vão projetando os registros sobre a folha de papel, instaura-se a condição da linguagem enquanto incompletude, uma vez que nem o sujeito e nem o sentido são completos. Esses registros gráficos apresentados nas produções pelas crianças que não dominam o código linguístico ainda, funcionam sob o modo do entremeio, da relação, da falta, do movimento. "Essa incompletude atesta a abertura do simbólico, pois a falta é também o lugar do possível." (ORLANDI, 2010, p. 52).

Entretanto, ainda que a criança não domine o código linguístico, e mesmo o processo de significação sendo aberto, o sentido é regido e administrado. Ao fazer seus

registros escolares, o sujeito significa-os em condições determinadas pela língua, pelo mundo, pela memória discursiva e pelas relações de poder da instituição escolar. Nessa mesma perspectiva, podemos pensar o movimento, tanto referente à inflexão do corpo para a produção de registros escolares, como da própria subjetividade que adentra ao mundo da escrita ocupando, assim, o lugar, a posição de aluno no ambiente escolar (instituição do saber, com seus dispositivos de controle).

A constituição desses registros, para o adulto, pode caracterizar-se como algo que apresenta uma relação direta com o silêncio e a incompletude. “[...] esta incompletude não deve ser pensada em relação a algo que seria (ou não) inteiro, mas antes em relação a algo que não se fecha.” (ORLANDI, 2004, p. 11). Dessa forma, vários sentidos podem ser pensados a partir dos registros da criança. No entanto, o silêncio “[...] é fundante (não há sentido sem silêncio) e esta incompletude é função do fato de que a linguagem é categorização dos sentidos do silêncio, modo de procurar domesticá-los. O silêncio é sentido contínuo, indistinto, horizonte possível da significação.” (ORLANDI, 2004, p. 11-12). Portanto, o sentido é algo aberto. Há muitas maneiras de significar as materialidades discursivas apresentadas pelas crianças.

Ler, brincar, cantar, escrever fazem parte desse universo infantil, no entanto, aliada às condições de produção, a criança faz suas interpretações a partir do real e das suas formações imaginárias. Segundo Orlandi (2008, p. 111), “a finalidade é compreender a relação estabelecida entre a instância do real do sentido (e do sujeito) na ordem do discurso e a instância imaginária da organização, seja das palavras, das frases ou do texto em si.” Dessa forma, cada criança mobiliza a sua “escrita de entremeio” como uma marca de singularidade, ou seja, cada uma busca sua posição de sujeito a partir da sua expressão discursiva, não como uma propriedade fixa do sujeito e do discurso, mas como um sempre por advir.

Estamos considerando essa escrita de entremeio como um modo de transição, ou seja, há um movimento em direção à escrita convencional, caracterizando o entremeio, o movimento, a falta. Esses registros gráficos nos apresentam múltiplos efeitos de sentido para uma mesma materialidade. No entanto, para os adultos podem ser considerados como algo incompleto. O universo adulto, muitas vezes, considera que ao estar alfabetizado e escrever seus registros o sentido está administrado e completo, diferentemente dessa materialidade de que estamos tratando. Orlandi (2010, p. 52) vai corroborar com essa materialidade ao mencionar que “Essa incompletude atesta a abertura do simbólico, pois a falta é também o lugar do possível.” Entretanto, ainda que

a criança não esteja alfabetizada, e o processo de significação sendo aberto, o sentido é regido e administrado.

Interpretar a “*escrita de entremeio*”, perceber a sua discursividade remete a um inverter nessa lógica da valorização restrita à escrita convencional, requer uma inversão dessa perspectiva, pensar no que a criança tem, mas não de sua falta. Como presença de marcas que nos remetem a muitas discursividades de escrita e não como ausência de palavras e sentenças. Como afirmação à textualidade que lhe confere e não como negação ao processo de escrita. Como força, potência, não como incapacidade. Essa percepção contribui para que os Centros de Educação Infantil reflitam e criem diferentes condições de produção para que essa escrita contribua na formação da criança.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BORGES, S. **O quebra-cabeça: a alfabetização depois de Lacan.** Goiânia. Ed. UCG, 2006.

ORLANDI, E. P. **Discurso e Leitura.** São Paulo: Cortez, 1988.

\_\_\_\_\_. **Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico.** 4. ed. Campinas, SP: Pontes, 2004.

\_\_\_\_\_. **Discurso e texto: formulação e circulação dos sentidos.** 3ª Ed. Campinas: Pontes, 2008.

\_\_\_\_\_. **Análise de discurso: princípios e procedimentos.** 9. ed. Campinas, SP: Pontes, 2010.

PACÍFICO, S.M.R. **Argumentação e autoria: o silenciamento do dizer.** Tese de Doutorado apresentada à FFCLRP/USP, 2002.

PÊCHEUX, M. **O discurso: estrutura ou acontecimento.** Campinas: Pontes, 1990.

\_\_\_\_\_. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio.** (trad. Eni Orlandi et ali) Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1988.